**“*Mulheres mães: comportamentos ambivalentes perante situações de violência doméstica. O significado dos/as filhos/as na tomada de decisões (ficar ou se afastar) do laço com o agressor”.***

Universidade da República, Faculdade de Psicologia - Mestrado em Psicologia Social (Uruguai). Autora: Mariana Rivas Grela

O objetivo da pesquisa foi compreender, sob uma perspectiva de gênero, o significado dos/as filhos/as1 e das representações sociais da maternidade nas decisões tomadas pelas mulheres-mães, em relação a ficar ou se afastar do laço com o agressor, em situações de violência doméstica2 de tipo física.

Respondendo a esse objetivo foram entrevistadas, entre 2014 e 2015, 24 mulheres de entre 25 e 48 anos, de diferentes níveis educacionais que moravam na cidade de Montevidéu. As participantes foram captadas através de três instituições que trabalham a temática: O *Programa Comuna Mujer* (Município de Montevidéu, serviço público), a *Cooperativa Mujer Ahora* (Organização Não Governamental) e a *Sociedad Médica Universal* (serviço de saúde privado). O desenho da pesquisa foi descritivo exploratório, com um modelo compreensivo e qualitativo. A técnica de pesquisa usada principalmente foi a entrevista em profundidade semi dirigida, seguindo o critério de saturação teórica.

O ponto de partida para a construção do problema foi o resultado da minha experiência como profissional da saúde mental. Eu foquei em reiterações que com certa frequência encontrava em consultas com mulheres mães em situações de violência de casal com componentes de violência física.

O fato de que seus filhos estivessem envolvidos3 nessas situações parecia ter consequências diretas e/ou urgentes na tomada de decisões das mulheres frente ao laço violento e ser um fator impulsor para pedir ajuda. O

1 Neste trabalho será usado maiormente o genérico masculino para facilitar a leitura.

2 Devido à multiplicidade de definições sobre a violência às mulheres cabe assinalar que este trabalho foca na violência exercida por homens a mulheres, em relações erótico-afetivas e de convivência. No que diz respeito a isso, usamos o termo violência doméstica ou violência no casal indiferentemente.

3 O envolvimento dos/as filhos/as na situação de violência no casal faz referência a: 1. Que o/a filho/a ou os/as filos/as são testemunhas da violência física que o pai (ou o parceiro) exerce sobre sua mãe. 2. Que os/as filhos/as, além de serem testemunhas da violência física do agressor à mãe, podem também ser vítimas diretas e receber maus tratos físicos por parte do agressor. 3. Quando algum dos/as filhos/as pedem expressamente a sua mãe a dissolução do laço do casal em função da violência física da qual são testemunhas.

denominador comum que se apresentava com frequência era o desejo imperioso de proteger aos seus filhos/as e de ser uma "boa mãe". No entanto, frente ao mesmo fato, não todas as mulheres reagiam da mesma forma; enquanto algumas decidiam romper o relacionamento, outras permaneciam nele. O mandato social imperante de "ser boas mães" e de manter a união familiar, as conduzia a um comportamento flutuante entre ficar ou se afastar do agressor. A dúvida sobre permanecer no lar ou fugir dele parecia estar sempre vinculada com o desejo de garantir o bem-estar dos seus filhos/as.

**Por que foi realizado o corte na violência física?** Esse tipo de violência na observação através da clínica, com mulheres em situação de violência do casal em que seus filhos estão envolvidos parecia apresentar um maior impacto para a tomada de decisões. Além disso, sob o ponto de vista subjetivo e desde o imaginário social, acarreta uma maior consciência da gravidade do problema instalado. A violência física é a mais reconhecida e socialmente considerada como mais grave e perigosa (Sagot, M., Carcedo, A. 2000).

# Por que a perspectiva de gênero na pesquisa?

A violência doméstica e a maternidade sob uma perspectiva de gênero se enquadram em uma sociedade patriarcal que respalda e promove as discriminações baseadas na diferença sexual; considera às mulheres como subordinadas aos homens e promove a desigualdade de direitos e oportunidades para ambos os sexos. O patriarcado designa às mulheres um papel passivo no mundo público, reserva a elas as tarefas domésticas, a procriação, a educação, o crescimento e a saúde dos seus filhos e o cuidado da família unida. O papel maternal pode ser considerado, dessa forma, como uma construção social e um mecanismo de controle que submete às mulheres ao âmbito do privado, da dependência afetiva, social e sexual.

Os conceitos de representações sociais teorizadas por Moscovici em 1985 e do imaginário social de Castoriadis se unem para reforçar as designações coletivas que, no final das contas, influem sobre as formas de perceber, viver, agir e decidir de modo coerente com os papeis tradicionais de gênero para que os sujeitos sejam socialmente aceitos. Segundo Castoriadis: "Tudo o que se apresenta perante nós, no mundo histórico-social, está indissoluvelmente ligado ao simbólico" (Castoriadis, C. 2010:186).

# A maternidade como construção histórica e cultural.

A associação das mulheres com o papel maternal é exagerada na modernidade

ocidental. Elisabeth Badinter (1991) critica a concepção de que a maternidade estaria inscrita na natureza das mulheres, para contrariamente concebê-la como uma produção social. No século XVII a família não era concebida como lugar de primazia de carinho e doçura entre pais e filhos. A condição e a imagem da criança eram diferentes se comparado com a atual. Um exemplo disso é a entrega dos filhos a enfermeiras para serem amamentados.

A infância assumiu protagonismo, em princípio, nas classes ascendentes do século

XVIII. Começou a ser um mandato a amamentação natural e se gerou uma exaltação do amor maternal como uma coisa natural e espontânea nas mulheres. Isso oferece à mãe a potestade afetiva sobre o filho. (Badinter, E., 1991).

# Análise do contexto e alguns resultados da pesquisa.

\*17 das 24 mulheres entrevistadas experimentaram alguma ou várias das diferentes formas de violência durante sua infância, adolescência e juventude, seja como testemunhas e/ou vítimas diretas.

A maioria se comprometeu de forma impulsiva em relacionamentos amorosos nas primeiras oportunidades apresentadas. Essas uniões funcionam como uma fuga dos seus lares de origem.

A maternidade e a reprodução aparecem maiormente como um destino inevitável que prima sobre outros projetos pessoais.

As primeiras gravidezes as conduziram a estabelecer ou afiançar o laço com o agressor, pois foi criada uma família com a chegada do filho, a quem foi dada a prioridade.

A maior dedicação das mulheres ao crescimento dos filhos aparece durante a vida de casal e também depois da separação nos diferentes níveis educativos e idades.

# Apesar da assimetria de responsabilidades, o significado atribuído à maternidade aparece claramente marcado por conotações que fazem alusão à satisfação e à plenitude. Definem-se mais como mães do que como esposas e os homens não objetam essa situação. As mulheres assumem a representação dominante: mulher=mãe=família.

**A internalização do ideal familiar se impõe sobre o laço violento com o agressor.** Existe uma forte adesão da representação social da família tradicional que parece negar por momentos a realidade de sua situação.

Tenham saído ou não pelo envolvimento de um filho na situação de violência, a união familiar é considerara como o âmbito propício para a criação e o bem-estar dos seus filhos.

A maternidade aumenta sua autoestima, a enquadra em um projeto único, em poucas ocasiões se reconhece a sua complexidade. É uma oportunidade de ser alguém na vida, de se sentirem importantes para outra pessoa. O exercício maternal e o cuidar dos seus filhos aparece como o eixo central na construção feminina. Os filhos constituem pessoas necessárias e aparecem como uma oportunidade de ter uma coisa própria, o que faz alusão à carência e ao vazio da sua própria vida, seus filhos a fazem sentir insubstituível.

A influência dos discursos provenientes de diferentes disciplinas (medicina, psicologia, filosofia, entre outros) privilegiaram o laço mãe-filho, influindo nas formas de pensar e de agir das mulheres, no sentido de estimulá-las a deixar de lado outros projetos pessoais em função do papel maternal.

Paradoxalmente, **e sendo o resultado destacado na pesquisa**, as representações sociais, os discursos da maternidade dominantes na sociedade ocidental, que conjuntamente com o imaginário social estimulam à mulher a ser uma mãe abnegada, **fortalecem à maior parte das entrevistadas** para se afastarem do laço com o agressor.

**A primazia dos/as filhos/as e o ser "uma boa mãe", que se impõe sobre seus desejos e interesses pessoais, ajuda à maioria a reforçar essa saída.** No caso das que permanecem, apesar do envolvimento de algum filho, deve-se a que avaliam nesse momento que essa é a opção menos prejudicial para eles.

# Feminismo da igualdade e feminismo da diferença

A pesquisa remete ao debate entre o feminismo da igualdade e o da diferença. Sob a primeira perspectiva, a maternidade e outras características específicas da feminidade foram conceitualizadas como obstáculos para o desempenho e o desenvolvimento da personalidade das mulheres. Se pensarmos sem muita crítica desde essa teoria podemos cair na pressa de confundir todo exercício da feminidade como alguma coisa que se experimenta como necessariamente opressivo. No entanto, isso é parcialmente verdadeiro desde a análise das entrevistas. De um lado, a internalização e a implementação dos papeis patriarcais as submete a situações de violência extrema; do outro, e para

isso recorremos ao feminismo da diferença em que a maternidade é experimentada como um acontecimento maravilhoso, que justifica a vida pessoal de mulheres muitas vezes degradadas ao longo da sua vida e, neste caso, opera diretamente no enfrentamento e/ou na ruptura do laço com o agressor. O feminismo da diferença, ainda se não seguimos a diferenciação dos sexos como natural, parece considerar um matiz necessário para compreender as decisões, incluindo a renovada pulsão à vida.

O estudo realiza propostas, tais como: a importância do trabalho paralelo com mães e filhos/as, no contexto de uma abordagem integral voltada às mulheres e aos seus filhos, onde seja possível por sua vez educar e promover nas crianças formas de tratamento respeitosas e saudáveis, e evitar repetir comportamentos violentos nos quais estiveram envolvidos. Exigir e reforçar as ações que o Estado realizou até o momento em serviços de atenção a mulheres e filhos, porém não em função da maternidade, e sim de valorizar a oportunidade de acrescentar esse recurso para promover o desenvolvimento pessoal das consultantes.

Através dos/as filhos/as é possível chegar a que as mulheres também sejam consideradas como seres valiosos, gerem projetos pessoais e construam outro tipo de subjetividade que não as destine unicamente ao seu papel maternal e a negação de si próprias.

# Conceitos da psicanálise. Fatores intra-subjetivos que intervém nas decisões das mulheres quando seus filhos acabam envolvidos.

**As que se afastam**

Quando os filhos são o motivo principal para terminar o laço. O que acontece com a autopreservação destas mulheres?

Hugo Bleichmar (1999) usa o termo da heteropreservação na espécie humana, definindo esse conceito como a extensão da autopreservação de uma pessoa em relação a outras, o que a impulsiona a cuidar dos outros e a proteger a vida de outro ser humano, e o caracteriza por ser uma "Força tão poderosa que faz com que algumas pessoas sejam capazes de sacrificar sua autopreservação e sua própria vida, em prol de satisfazer o desejo de preservar o outro, de protegê-lo" (Bleichmnar, H. 1999:16). Esse conceito permite ser associado a essas mulheres que estariam dispostas a sacrificar sua motivação de autopreservação e sua própria vida, para proteger aos seus filhos/as.

A motivação de autopreservação e o narcisismo dessas mulheres estariam

realmente empobrecidos devido à grande deterioração de sua autoestima, à perda dos seus laços com o entorno social e familiar, à humilhação e à desvalorização constante às que foram submetidas. No entanto, uma parte de sua motivação de autopreservação e narcisismo que teria deslocado em direção aos seus filhos, por identificação com eles, permite uma reação e consultar por elas ou pelos seus filhos. Os cuidados dados a eles são sua fortaleza interna. É possível pensar que haveria na maioria das entrevistadas uma autoestima deficitária e que delegaram todos seus almejos de auto realização sobre seus filhos, motivo pelo qual vê-los ameaçados de algum dano as mobiliza para tomar a decisão de acabar com o maltrato. A maioria das mulheres não dariam a transcendência merecida à situação de violência no casal, e seriam seus filhos os que as ajudariam a ver o sinal de perigo, porque eles são considerados como uma extensão do seu self. O exercício da maternidade faria com que lutassem mais pelos seus filhos do que por elas próprias e isso acarreta como consequência uma certa perda da sua identidade que é substituída pelo seu papel maternal, socialmente reconhecido. Ser mães pareceria ser prioritário, por cima de ser mulheres, pessoas, e ter direitos como tais. Seria depositado um grande montante de libido na maternidade e nos filhos, em ser boas mães, ficando dessa forma o seu eu empobrecido. O que acontece com o amor próprio e o narcisismo dessas mulheres?

Poderíamos pensar que apontar ao narcisismo nessas mulheres direciona o foco para os seus filhos. Um grande montante do ego de sua libido é investido neles. Através disso elas encontrariam a força para colocar um limite nessa situação, porque são seus filhos os que retornam o amor próprio. Não haveria nessas mulheres, exceto o poder da maternidade, um sentimento de poder em relação a esse mundo exterior ameaçador. O sentimento de desamparo não deriva somente dos ataques do agressor, e sim também da pobreza das redes familiares, escassas ou complexas, e do fato de que o mundo do público não oferece a elas o mesmo nível de oportunidades que aos homens e, portanto, não facilita sua saída dessa situação de violência.

# As que permanecem apesar do envolvimento dos seus filhos

Freud na 25ª conferência sobre a angústia assinala:

"A angústia realista aparece como uma coisa muito racional e compreensível (...) é uma reação frente à percepção de um perigo exterior, isto é, de um dano esperado, previsto; está unida ao reflexo da fugida, e é lícito ver nela uma

manifestação da pulsão da autopreservação. As oportunidades em que se apresenta a angústia (isto é, frente a quais objetos e em quais situações) dependerão em boa medida, naturalmente, do estado do nosso saber e do nosso poder em relação ao mundo exterior" (Freud, S. 1978:358). Posteriormente, expressa: "... se a angústia atinge uma força desmedida, resulta inadequada no extremo: paralisa toda ação, inclusive a da fugida (...) a reação frente ao perigo consiste em uma mistura de afeto de angústia e ação de defesa" (Freud, S. 1978:359).

Nessas situações, nas quais as mulheres permanecem apesar do envolvimento dos filhos, proponho duas hipóteses que poderiam estar associadas a esse comportamento considerando a multiplicidade de fatores em jogo. 1. O narcisismo entendido na acepção de "amor à imagem de si próprio" não opera como ocorre na maioria das entrevistas que decidem pôr fim a um relacionamento ou consultar quando algum dos seus filhos é afetado pela situação de violência. Nessas situações, a humilhação perante terceiros (seus filhos) fere fortemente a autoestima e a mulher pode chegar a considerar que carece de recursos para enfrentar a situação, ou se solidarizar de forma eventual com a perspectiva do agressor e garantir ter provocado ele como explicação do ciclo de violência. A ferida narcisista cria um déficit e a autoestima deficitária diminui a capacidade de ação dessas mulheres, que não podem priorizar nessas situações nem a autopreservação nem a heteropreservação dos seus filhos.

2. A decisão de permanecer no laço violento também é realizada em função da heteropreservação dos seus filhos ou de sua autopreservação, porque estimam que se afastar do relacionamento acarretaria consequências mais prejudiciais sobre suas próprias vidas ou as dos seus filhos. Nesse sentido, uma parte do ego da libido também seria deslocada em direção aos seus filhos porque o permanecer no laço violento permitiria evitar um dano maior aos seus filhos (que seus filhos fiquem sem mãe se o agressor a assassinasse), ou que os próprios filhos pudessem ser assassinados ou abusados, pelas ameaças extremas das quais são objeto e pelo alto perigo que apresenta o agressor, e/ou em outras situações pela penúria econômica à qual serão submetidos si elas decidissem se separar.

# Referências bibliográficas

**Badinter, E.** (1991) *¿Existe el instinto maternal? Historia del amor maternal. Siglos XVII al XX*. Buenos Aires: Editora Paidós.

**Bleichmar, H.** (1999). *Psicoanálisis. Fundamentos y aplicaciones del enfoque Modular- Transformacional*. Revista Aperturas Psicoanalíticas. Hacia Modelos Integradores. Nº 1. Recuperado: 2009, 28 de outubro. Disponível em: URL [http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000052&a=Fundamentos-y-](http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000052&a=Fundamentos-y-aplicaciones-del-enfoque-modular-transformacional) [aplicaciones-del-enfoque-modular-transformacional](http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000052&a=Fundamentos-y-aplicaciones-del-enfoque-modular-transformacional)

**Castoriadis, C.** (2010) *La institución imaginaria de la sociedad.* Buenos Aires: Editora Tusquets.

**Freud, S.** (1978). *25ª Conferência. “La Angustia.”* Em: Freud S*. Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. (pp. 357-374). Buenos Aires: Editora Amorrortu, vol. XVI.

**Sagot, M., Carcedo, A.** (2000) *La Ruta Crítica de las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en América Latina*. Programa Mulher, Saúde e Desenvolvimento. OPS/OMS.